

O JOVEM JOSÉ MEDINA

ALFREDO STERNHEIM

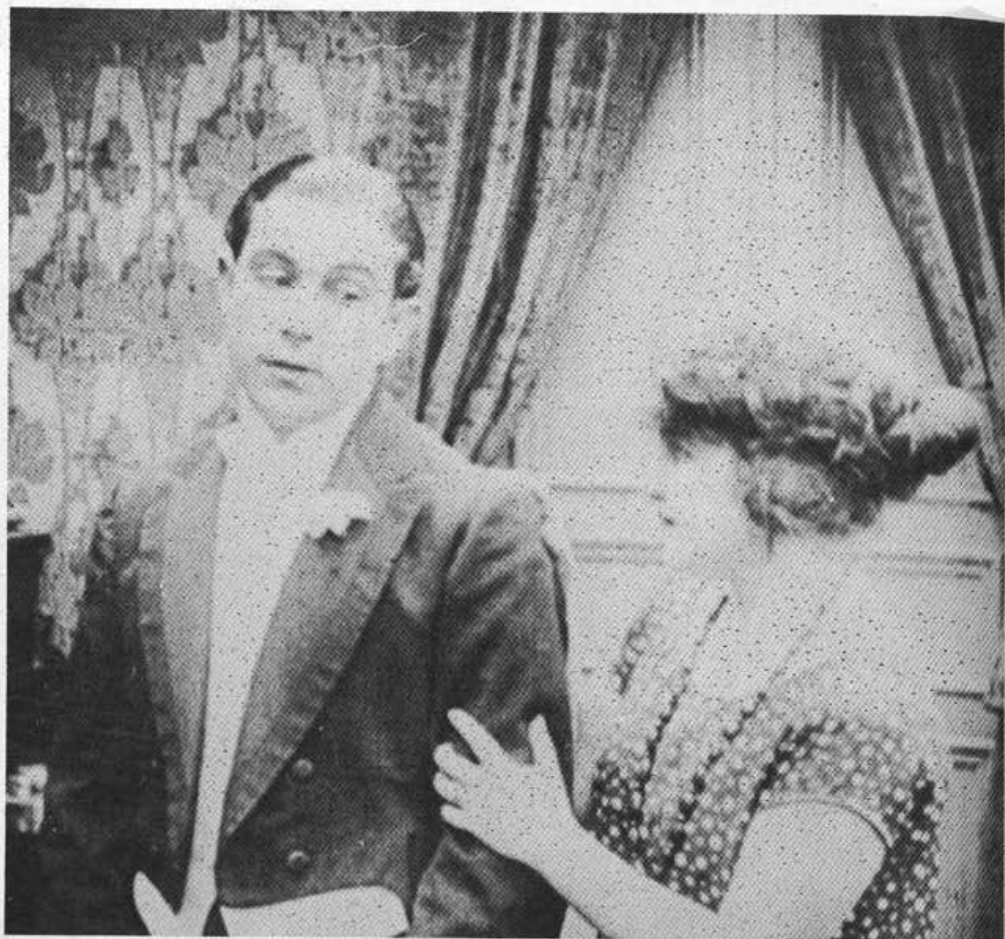


José Medina está com 78 anos. É o mais idoso cineasta brasileiro. Além de pioneiro, é um artista sensível, cujos filmes são, na produção brasileira, os menos desgastados pelo tempo. Ainda hoje é incrível a força e natural modernidade, a poderosa fluência de Exemplo Regenerador e Fragmentos da Vida.

José Medina continua atento a tudo que ocorre em relação ao cinema e às artes em geral. Simpático, bem disposto, fomos encontrá-lo em sua residência na Vila Mariana, São Paulo, onde vive cercado pelo carinho dos filhos, netos e bisnetos, e onde ainda estuda e trabalha, dedicando-se ao desenho publicitário para TV. A ociosidade é uma palavra proibida em seu vocabulário.

Com este depoimento, FILME CULTURA mergulha no passado do cinema brasileiro e projeta novas luzes sobre a personalidade e a brilhante carreira de José Medina. (AS)

O JOVEM JOSE MEDINA



Waldemar Moreno e Lúcia Laís em Exemplo Regenerador.

"Minha vocação pelo cinema começou quando eu era projetorista num dos primitivos cinemas na pequena cidade de Votorantim. Isso foi lá pelo ano de 1910. Nessa época, quase todos os cinemas eram equipados com projetores Pathé Frères, que sofriam de trepidação. Lembro-me que alguns pais proibiam os filhos de ir ao cinema, porque achavam que a trepidação prejudicava a vista. E este defeito dos projetores continuou ainda por muito tempo. Até o humorista Lauro D'Ávila, num programa de rádio, contou que, no tempo de garoto, tinha ido a um cinema de bairro assistir a um dos primeiros filmes de "cowboy", e que a trepidação era tão violenta, a imagem tremia tanto, que a certa altura ele teve a impressão de que o Tom Mix ia cair do cavalo.

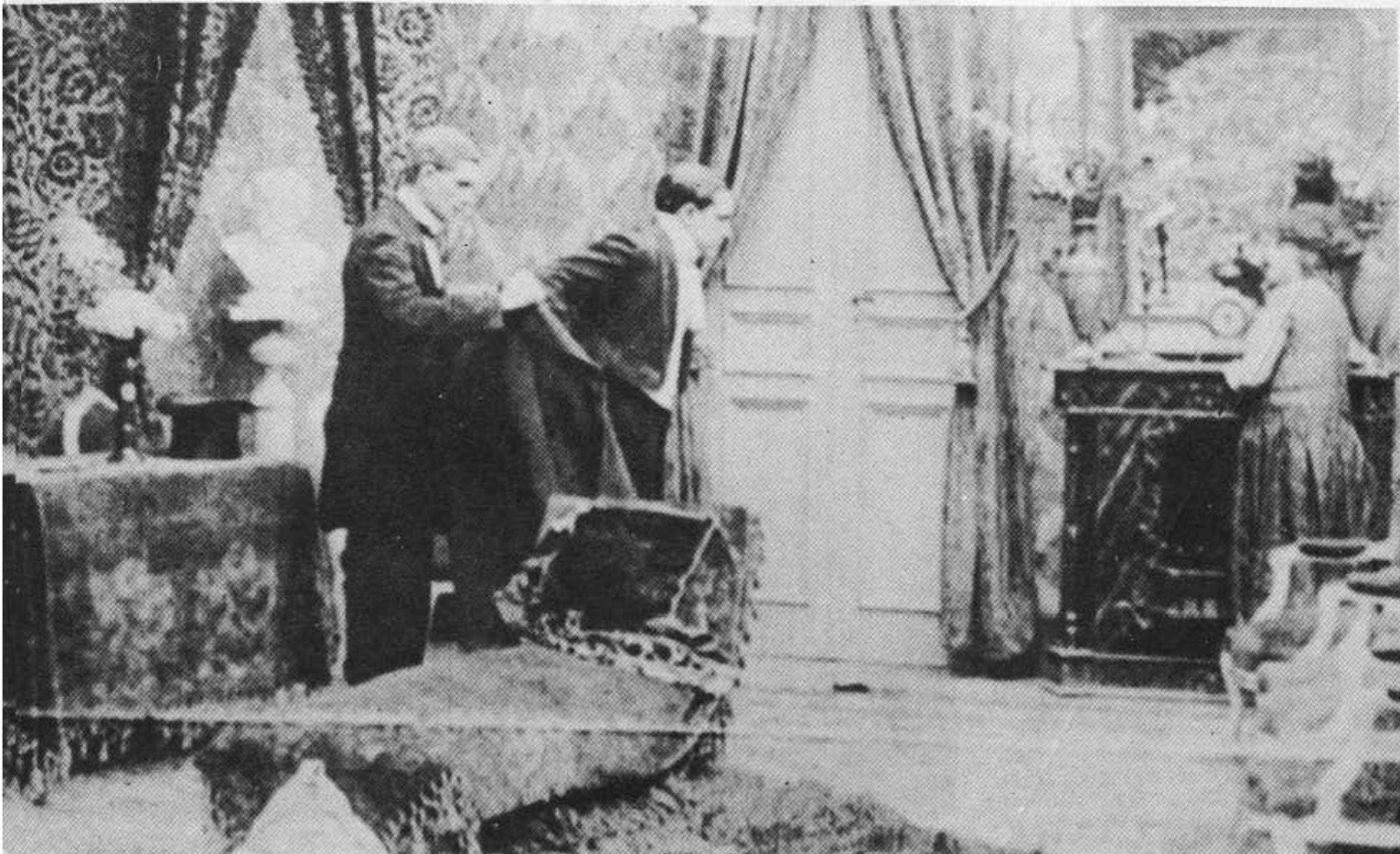
Bem, aí pelo ano de 1911, o Banco União, que era proprietário da fábrica Votorantim, contratou com o cinegrafista carioca Alberto Botelho a filmagem da entrada e saída dos operários daquela fábrica. Precisaram recorrer a Botelho, porque em São Paulo não havia um cinegrafista. Aquela foi a primeira vez que vi como se fazia fita de cinema. E achei que não era nenhum bicho-de-sete-cabeças, o que aumentou o meu entusiasmo pelo cinema.

Em 1912, vim para São Paulo, porque aqui tinha mais "chance" de estar em contato com os cinematógrafos da capital, não como mero espectador, mas para observar e estudar os tipos, os desempenhos dos artistas, os truques e a forma de dar seqüência ao argumento. É claro que eu desconhecia qual seria o processo adotado pelos produtores estrangeiros, já que não existia nenhum livro, nenhum compêndio que ensinasse a fazer cinema. A primeira enquadração que fiz (enquadração era como chamávamos os roteiros) era exatamente igual às feitas pela norte-americana Anita Loos. Quem me disse isso foi o Adhemar Gonzaga, que ficou boquiaberto com meu roteiro. Eu punha os "close-ups", as cenas eram A,B,C,D, não numeradas. E havia os quadros, que se passavam dentro de cada cena. Naquelas cogitações, senti que se um dia me aparecesse uma oportunidade, seria capaz de dirigir e escrever a filmagem.

Como eu sempre havia gostado de fotografia, possuía uma daquelas antiquadas máquinas de caixa. Em fins de 1918 mudei-me para o Rio de Janeiro e comecei a freqüentar a Casa Bastos Dias, especializada em artigos fotográficos. Certo dia, enquanto conversava com o empregado, entrou na loja um

cidadão que mal falava o português, pois era de origem italiana. Como eu falasse sofrivelmente o italiano, ofereci-me de intérprete. E fiquei radiante quando ele disse que queria comprar filme virgem para cinema. Imediatamente perguntei-lhe onde estava estabelecido. Respondeu-me que estava morando em São Paulo, recém-chegado de Mato Grosso, onde possuía um hotel, mas que desistira de ser hoteleiro porque sua paixão era fazer cinema. E em Mato Grosso não havia muita possibilidade. Perguntei-lhe, então, qual o gênero de fitas que estava fazendo. Respondeu-me que fazia apenas documentários, mas "rodara" um filme baseado no então célebre "crime da mala", que tinha sido fracasso. E explicou-me que ele era apenas operador de câmara, mas tinha consciência de saber manejá-la bem. Só que as pessoas que haviam dirigido a filmagem nada entendiam de cinema. Daí o fracasso e o prejuízo total.

Diante daquela explicação, concluí que o que havia faltado fora capacidade para planejar e organizar o roteiro. Percebi que ele se impressionou quando lhe disse isso. Ao que tudo indicava, ele estava vendo em mim a mesmíssima coisa que eu estava vendo nele. Ou seja, os dois nos completá-



Exemplo Regenerador — J. Guedes de Castro, Waldemar Moreno, Lúcia Laís.

vamos. E tive certeza quando ele me disse: — Eu pretendo fazer cinema de verdade, mas para isso estou precisando justamente de um elemento como você.

Pronto. Ali estava a oportunidade tão desejada para realizar o meu sonho. Apresentei-me e prometi que, tão logo fosse possível, iria a São Paulo e o procuraria. Deu-me seu endereço e disse que se chamava Gilberto Rossi. (*)

Em meados de 1919 eu já me encontrava em São Paulo e fui procurar o Rossi. Era chegada a minha vez de pôr em prática os meus parcos conhecimentos. Lembro-me perfeitamente que foi numa sexta-feira chuvosa que rabisquei um argumento banal e fiz o roteiro. Como se tratasse de uma experiência, reduzi ao mínimo o número de personagens — quatro apenas — e calculei a metragem do filme que ia ser empregado: de 100 a 120 metros, não mais. No dia seguinte mostrei o roteiro a Rossi e no domingo comecei a filmar.

Eu só continuei a fazer filmes porque o cinema me aceitava, deu-me lucro desde o início. O sucesso de **Exemplo Regenerador** foi tanto que nos animou, a mim e ao Gilberto, a fundar a Rossi Filme. Tudo era feito com parcimônia e planejado com muito cuidado e critério. Estou convencido agora que nunca

tivemos prejuízo graças a esse cuidado de orçar e planejar. Apesar de que não havia então a obrigatoriedade de hoje, nossos filmes nunca foram recusados pelos exibidores. Se não tivesse pegado fogo o estúdio do Rossi, eu teria continuado.

Não havia uma predominância ou preferência por um só tema em meus filmes. Embora entre **Exemplo Regenerador** e **O. Henry's Full House** (Páginas da Vida) muitos apontem semelhanças, trata-se apenas de uma coincidência. "**Do Rio a São Paulo Para Casar**" era uma comédia escrita por um rapazola que me procurou. Seu nome: professor Canuto Mendes de Almeida, que, entre outras coisas, foi posteriormente Secretário de Estado e representante do Brasil na ONU. A única preferência que tinha era a de que se eu lia um livro que achasse cinematográfico, eu me interessava. Saí de Nova Iorque em 1928 e vim direto para o Brasil fazer o conto de O. Henry ("Soap") que tinha lido. E veja só: os americanos o fizeram 30 anos depois naquele episódio com Marilyn Monroe e Charles Laughton. O meu filme **Fragments da Vida** é muito mais fiel ao livro do que o americano. Eu dei muito mais atividade às cenas, dentro das minhas possibilidades.

Não havia atores em meus filmes. A única fita que fiz com profissionais foi **Gigi**, utilizando uma companhia de teatro do Rio. Ah, sim, em **Perversidade** usei um ator profissional. Ninguém acreditava em cinema brasileiro. O pessoal achava ridículo. A gente ia convidar alguém e eles perguntavam se dava certo. Aquela moça de **Fragments da Vida** custou a aceitar o papel. Só quando viu o filme no Cine Odeon é que ela acreditou.

Eu era paciente com os intérpretes. Chegava a eles devagar, devagar, e fazia com que eles se empenhassem. Não era fácil, visto não acreditarem no cinema. Mesmo com os profissionais de teatro tive alguma dificuldade. Mas houve atuações marcantes. Esse rapaz que fez **Exemplo Regenerador**, o Waldemar Moreno, era a primeira vez que enfrentava uma câmara. Achei-o bom e depois o convidei para **Do Rio a São Paulo Para Casar**. Ali se revelou, fez um trabalho de maneira bonita, bem feita.

O sucesso de **Perversidade** e de outras fitas nos levou a criar um cinejornal. Chamava-se "Rossi-Jornal". O primeiro número inaugurou o Cine República, no dia 1.º de janeiro de 1922. Era Presidente do Estado de São Paulo (naquela época Governador era chamado de Presidente) o Dr. Washington Luiz

O JOVEM JOSÉ MEDINA



Fragmentos da Vida — Carlos Ferreira, Alfredo Roussy.

Pereira de Souza. Como convidado especial foi assistir ao espetáculo inaugural daquele cinema.

Poucos dias depois da inauguração do Cine República, chegou à Rossi Filme um mensageiro com um ofício no qual pediam nossa presença no Palácio do Governo para tratar de assunto do nosso interesse. No dia seguinte, depois de telefonar, apresentei-me no Palácio, que naquela época era no Pátio do Colégio. Fui recebido pelo Major Marçílio Franco, que era ajudante de ordens do Presidente. Disse ele: "Eu vou anunciá-lo: Sua Excelência está à sua espera". Nunca hei de me esquecer da maneira singela e cordial pela qual o Dr. Washington Luiz me recebeu. Quando entrei em seu gabinete, levantou-se sorrindo, veio ao meu encontro, apertou-me a mão e permaneceu de pé durante todo o tempo que estivemos conversando — cerca de meia hora.

Depois de elogiar a confecção do "Rossi-Jornal", perguntou-me: "De quanto em quanto tempo seriam exibidos os próximos números?". Respondi que a nossa intenção era lançar um jornal por mês, visto que a confecção era dispendiosa e que só tínhamos dois patrocinadores: uma casa de modas e

uma indústria. Quanto à renda do cinema era relativamente pequena e moroso o reembolso. O Presidente fez um momento de silêncio e depois perguntou: "E se o Governo desse uma subvenção razoável?" Respondi que de conformidade com a subvenção talvez fosse possível exibir o "Rossi-Jornal" quinzenalmente, como era seu desejo. Disse-me em seguida que iria pensar no caso e que aguardássemos alguns dias. Despedi-me de Sua Excelência e fui levar a boa nova a Rossi.

Dois dias depois recebemos um memorando assinado pelo Dr. Alarico Silveira, avisando-nos que todos os dias cinco de cada mês poderíamos receber, na Secretaria de Agricultura, a subvenção concedida pelo Presidente. Pensamos que a subvenção viria pela Secretaria da Fazenda. Mas não. Foi mesmo pela Secretaria de Agricultura. Assim o "Rossi-Jornal" passou a ser exibido de 15 em 15 dias, ininterruptamente, até o dia cinco de julho de 1924, quando estourou a revolução comandada pelo General Izidoro Dias Lopes. Mas nessa ocasião já era Presidente do Estado o Dr. Carlos de Campos.

O ano de 1922 foi bastante intenso. E, cumprindo compromisso com o Go-

verno do Estado, fizemos a cobertura de todos os atos oficiais daquele ano, destacadamente dos festejos comemorativos da Independência realizados no Ipiranga, que, além disso, mereceu uma edição especial, quase um longa-metragem. Filmamos também a inauguração da estátua de Olavo Bilac no início da Avenida Paulista, do busto de Giuseppe Verdi na Praça do Correio, em frente ao Cinema Central, a chegada a São Paulo dos aviadores portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho... e outros acontecimentos que agora não lembro.

A Semana de Arte Moderna de 1922 nós filmamos, mas só de dia. Não tínhamos refletores. E os principais acontecimentos foram à noite, no Teatro Municipal. Mas o assunto não foi para a tela, por motivos políticos, já que a nossa subvenção era do Estado. Realmente a Semana foi uma coisa de elite que não deu muita atenção ao cinema que já existia entre nós. É verdade que as atividades cinematográficas eram muito reduzidas. Quase todos que faziam filmes levavam na cabeça. Não conseguiam exibição fácil. Ainda, assim, havia muitos aficionados e profissionais que se dedicavam mais a filmes documentários: por exemplo, o José

del Picchia, irmão do intelectual Menotti del Picchia, que, além de ótimos documentários, produziu o longa-metragem **Alvorada da Glória**. Foi também nesse ano que Armando Pamplona fundou a Independência Filme, localizada ali na Rua Genebra. Produziu um longa-metragem "rodado" nos pantanais de Mato Grosso, que alcançou razoável sucesso. Foi também em 1922 que tive a enorme satisfação de conhecer pessoalmente o pioneiro Adhemar Gonzaga. Este grande amigo tem sido, desde antes de 1920, uma fonte inesgotável de estímulo a todos os que se têm dedicado a produzir filmes no Brasil.

Ainda em 1922 foram produzidos no Rio de Janeiro alguns filmes que mereceram boa aceitação do público. Dentre eles: **A Jóia Maldita** e **O Cavaleiro Negro**, de Luís de Barros, **In Hoc Signo Vinces**, de Almeida Fleming, e **Convém Martelar**, produzido por Gonzaga.

Para mim, o melhor filme que fiz foi **Gigi**. Naquele tempo era uma superprodução. O argumento, muito bom, de Viriato Correia, era bem cinematográfico. Originalmente era um conto. Eu li, me entusiasmei e procurei o autor. Viriato deu a licença para filmar. E depois disse ter gostado muito do filme. Pena que o negativo pegou fogo. Gosto de **O Canto da Raça**, que fiz em 1942. A Censura apreendeu o negativo e o positivo porque, segundo eles, o filme elogiava muito São Paulo e por isso era muito bairrista. No filme, uma moça ia recitando a poesia de Cassiano Ricardo. Conforme ela ia recitando, iam aparecendo as imagens. Era um filme-poema. Foi a primeira fita sonora que fiz, embora nos meus filmes mudos eu fizesse os atores falarem os diálogos.

O diretor que mais me impressionou foi o Griffith de **Intolerance** (Intolerância). Mas admirava muito o Thomas Ince. Era esplêndido. Um que nunca me influenciou foi o Cecil B. De Mille com sua grandiosidade. Ele exagerava. Dos mais modernos, o que mais me influenciou foi o John Ford de **The Long Voyage Home** (A Longa Viagem de Volta). E recentemente vi um filme que é o cinema adiantado em 20 anos: **Um Dia, Um Gato**, de Vojtech Jasný, produção da Tcheco-Eslováquia.

O cinema brasileiro tem filmes de que gosto muito. **A Estrada**, por exemplo, é muito bem feito. Fiquei surpreso com Pagano Sobrinho naquela fita. Ele havia trabalhado comigo no rádio. **O Pagador de Promessas** também é muito bom, apesar de alguns desequilíbrios. O trabalho de Leonardo Villar é fantástico. E há um filme sem direção, sem seqüência, mas interessante, moderno: **Gamal, Delírio do Sexo**.

Fiz duas viagens aos Estados Unidos. A primeira, em 1927. Naquela época eu praticamente morei lá. Era quando a Fox tinha um estúdio em Long Island. Conheci muita gente famosa: Irene Dunne, Raoul Walsh... **Fragments da Vida** nasceu lá. E em 1971 fiquei três meses nos Estados Unidos. Assisti algumas filmagens nos estúdios da Universal. É fantástica a organização americana.

Sabe quanto eu gastei para fazer **Fragments da Vida**? Vinte e oito contos (Cr\$ 28,00). Sabe quanto rendeu? Mais de 100 contos (Cr\$ 100,00). Era muito dinheiro para a época. Dava para fazer muita coisa. Mas o estúdio pegou fogo, eu me chateei muito... Por isso parei e fui para o rádio. Escrevi novelas, dirigí novelas. Foram 26 anos de rádio.

Houve uma ocasião que o Canuto de Almeida, quando era Secretário do Governo, levou-me à Vera Cruz para falar com Cavalcanti. Mas não deu certo.

Eu quero fazer um filme. É sobre a cleptomania, que ainda não foi muito explorada pelo cinema. Mas só se conseguir tudo que quero. Se não, não faço. Estou cansado, não estou muito a fim de me sujeitar aos entraves burocráticos que agora são maiores, como censura, exibição, etc.

É uma satisfação enorme quando o INC movimentava tanta gente para me filmar e entrevistar. Há uns três anos vieram aqui com aquelas máquinas de som direto, câmaras, luzes, etc. O Júlio Heilbron e o Jurandyr Noronha estavam me procurando, junto com Moniz Viana, quando faziam o **Panorama do Cinema Brasileiro**. (**) Eles não tinham certeza de que eu estava vivo. Acharam-me pela lista telefônica.

Outra emoção que tive foi agora, no Museu de Arte, quando projetaram juntos **Fragments da Vida** e o episódio da Fox, com Laughton e Marilyn. Foi uma emoção incrível. E olhe, embora aquele filme americano esteja mais bem acabado que o meu, a maioria dos presentes apreciou mais **Fragments**.

* Gilberto Rossi, produtor e diretor de fotografia dos filmes de José Medina, faleceu em 29 de julho de 1971. Além dos filmes de Medina, fotografou também três outras produções: **Escrava Isaura**, de Antônio Marques, em 1929; **Palhaço Atormentado**, de Rafael Falco Filho, em 1946; e o inédito, **Mistério do Campo Santo**, dirigido por Rafael Falco Filho, do qual Rossi é também produtor.

** O Instituto Nacional do Cinema, além da inclusão de trechos de **Fragments da Vida**, no filme-antologia **Panorama do Cinema Brasileiro**, produziu um documentário sobre a vida e obra de **José Medina**, ambos constantes do acervo da Filмотeca do INC.

Filmografia

1919 — **Quando Deus Castiga** — Direção e argumento: José Medina * Produção e fotografia: Gilberto Rossi * Elenco: Inocência Colado, Antonio Tagliaferro, Rafael Franco, Maria Luiza Rodrigues, Carlos Ferreira (Rossi Filme — São Paulo).

1919 — **Exemplo Regenerador** — Direção e argumento: José Medina * Produção e fotografia: Gilberto Rossi * Elenco: Waldemar Moreno, Lúcia Lais, J. Guedes de Castro, Carlos Ferreira (Rossi Filme — São Paulo). Curta-metragem.

1920 — **Perversidade** — Direção e argumento: José Medina * Produção e fotografia: Gilberto Rossi * Elenco: Inocência Colado, Regina Fuina, Maria Fuina, Carlos Ferreira, José Medina, José Vassalo Jr. (Rossi Filme — São Paulo).

1920 — **A Culpa dos Outros** — Direção e argumento: José Medina * Produção e fotografia: Gilberto Rossi * Elenco: Carlos Ferreira, Antônio Marques Costa Filho, José Medina Filho (Rossi Filme — São Paulo).

1921 — **Prelúdio Que Regenera** — Direção: José Medina * Argumento: Ludovico Rossi * Produção e fotografia: Gilberto Rossi * Elenco: Carlos Ferreira, José Vassalo Jr., Inocência Colado, Maria Fuina, Regina Fuina, José Medina (Rossi Filme — São Paulo).

1921 — **Do Rio a São Paulo Para Casar** — Direção e argumento: José Medina * Produção e fotografia: Gilberto Rossi * Elenco: Waldemar Moreno, Antônio Marques Costa Filho, Calvus Rey, Maria Fuina, Regina Fuina, Carlos Ferreira, J. Guedes de Castro, José Medina (Rossi Filme — São Paulo).

1921 — **Carlitinhos** — Direção e argumento: José Medina * Produção e fotografia: Gilberto Rossi * Elenco: José Vassalo Jr., Carlos Ferreira, Antônio Degani (Rossi Filme — São Paulo). Curta-metragem.

1925 — **Gigi** — Direção: José Medina * Roteiro: Canuto Mendes de Almeida, baseado na peça teatral de Viriato Correia * Fotografia: Gilberto Rossi * Elenco: Gervásio Guimarães, Rosa de Maio, Carlos Hailot, Carlos Ferreira, Albertina Rodrigues, Odete Guerreiro, Rosa Sandrini, Antônio Vale, Muniz Galvão, José Medina (Associação Brasileira de Arte Muda — São Paulo).

1929 — **Fragments da Vida** — Direção e roteiro: José Medina * Baseado no conto "Soap", de O. Henry * Fotografia: Gilberto Rossi * Elenco: Carlos Ferreira, Aúrea de Aremar, Alfredo Roussey (Rossi Filmes/Medifer — São Paulo).

1943 — **O Canto da Raça** — Direção, produção, roteiro e argumento: José Medina * Baseado num poema de Cassiano Ricardo (José Medina — São Paulo). Curta-metragem.